

METACRÍTICA:
EXPERIÊNCIAS
JORNALÍSTICAS
QUE
CONFIGURAM
NARRATIVAS DA
DIVERSIDADE

[ARTIGO]

Marta Regina Maia

Universidade Federal de Ouro Preto

Dayane do Carmo Barretos

*Universidade Federal de Minas Gerais
e Universidade Federal de Ouro Preto*

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo apresenta uma discussão voltada para as possibilidades engendradas por experiências jornalísticas que acionam novas narrativas sobre a realidade. Consideramos, para efeito de análise, duas pesquisas finalizadas em 2017, que seguem um aporte metodológico da análise da narrativa das produções e dos livros-reportagem das jornalistas Eliane Brum, Fabiana Moraes e Daniela Arbex e as produções do projeto *Ponte: Direitos humanos, justiça e segurança pública*. Localizamos, a partir de um diagnóstico do campo jornalístico e por intermédio das análises, novos contornos estruturais, profissionais e estéticos do campo, o que configura um movimento de metacrítica – emergente dessas novas experiências –, e que promove narrativas plurais e diversas sobre a realidade.

Palavras-chave: Narrativas. Jornalismo. Metacrítica. Diversidade.

This article presents a discussion focused on the possibilities engendered by journalistic experiences that trigger new narratives about reality. For the purpose of analysis, we consider two researches completed in 2017, which follow a methodological contribution of the analysis of the narrative of the productions and the newsreels of journalists Eliane Brum, Fabiana Moraes and Daniela Arbex and the productions of the *Ponte project: Human Rights, Justice and public safety*. Based on a diagnosis of the journalistic field and through the analyzes, new field, professional and aesthetic contours are located, which constitutes a metacritical movement – emerging from these new experiences – and which promotes plural and diverse narratives about reality.

Keywords: Narratives. Journalism. Metacriticism. Diversity.

Este artículo presenta una discusión orientada hacia las posibilidades generadas por experiencias periodísticas que accionan nuevas narrativas sobre la realidad. Consideramos, para efecto de análisis, dos investigaciones finalizadas en 2017, que siguen una contribución metodológica del análisis de la narrativa de las producciones y de los libros-informes de las periodistas Eliane Brum, Fabiana Moraes y Daniela Arbex y las producciones del *proyecto Ponte: Derechos humanos, justicia e segurança pública*. Localizamos, desde un diagnóstico del campo periodístico y por intermedio de los análisis, nuevos contornos estructurales, profesionales y estéticos del campo, lo que configura un movimiento de metacrítica – emergente de esas nuevas experiencias –, y que promueve narraciones plurales y diversas sobre la realidad.

Palabras clave: Narrativas. Periodismo. Metacrítica. Diversidad.

Introdução

O nosso contato com a realidade revela tensões por vezes mais diretas, por vezes mais sutis, que, de alguma maneira, conformam os sentidos que traçamos para as ações e atitudes que configuram nosso cotidiano. Os contornos espaço-temporais delineados por esses sentidos nos indicam as trajetórias possíveis a serem seguidas. Esse movimento de construção narrativa tem como um dos alicerces a esfera comunicativa, mais propriamente, no âmbito deste artigo, a experiência jornalística.

Ao refletir sobre os saberes produzidos e ressignificados, em especial pelos meios de comunicação, estamos dizendo, a partir da visão de Dewey (1980), que esse saber não é simplesmente “transmitido” e recebido pelos receptores, mas sim compartilhado nas trocas cotidianas entre os sujeitos na esfera pública. Refletir sobre o caráter interacional para o qual aponta Dewey (1980), que confere ao jornalismo o papel de mediador social, é fundamental para problematizar o potencial crítico que emerge dessa relação entre sujeitos no processo comunicativo.

Isso posto, queremos falar, neste trabalho, sobre experiências jornalísticas que contribuem para promover narrativas da diversidade na contemporaneidade, além de levantar reflexões que nascem no seio da tensão entre esse modelo de produção jornalística arraigado nos ideais burgueses da modernidade e a emergência de novos discursos sobre a diversidade que a contemporaneidade traz para o jornalismo.

Queremos tensionar o campo jornalístico que ainda enxerga as redações como

o espaço fulcral da ação profissional. Eric Neveu (2010), estudioso da sociologia do trabalho dos jornalistas, faz um alerta sobre as novas condições de trabalho da área, visto que o empreendedorismo e o aumento de profissionais freelancer (e a própria precarização) redefinem a perspectiva da prática profissional que extrapola a dinâmica das redações (NEVEU, 2010). Estudo recente e realizado por pesquisadores brasileiros reafirmam essa tendência também no Brasil (FÍGARO, 2013).

Nosso intuito, neste artigo, é pensar o lugar da crítica no jornalismo não de forma unilateral, mas a partir da inspiração interacional, como um processo múltiplo e contínuo em que a sociedade e a prática jornalística se influenciam mutuamente. Defendemos aqui que a própria prática é reveladora de uma crítica, tanto no que se refere aos seus próprios rumos, como nas abordagens sobre as diversidades que as produções jornalísticas encetam.

Atualmente a crítica nos parece seguir duas frentes: 1) a crítica formulada enquanto tal, muito presente em pesquisas acadêmicas e observatórios da imprensa, e 2) a crítica que se configura a partir de novas experiências jornalísticas, que pela ação e modificação de formatos e modos de narrar chamam atenção para as potencialidades do próprio fazer. Sendo assim, nossa intenção, no escopo deste artigo, é investigar as potencialidades dessa segunda perspectiva nas reflexões sobre o jornalismo.

Como procedimento metodológico, apoiamos nossas inquietações e perspectivas na análise de narrativas a partir de duas pesquisas realizadas em 2017. A primeira consiste em uma dissertação de

mestrado (BARRETOS, 2017) que abordou a alteridade e a partilha de sentidos possíveis a partir da escrita de jornalistas brasileiras. Nessa pesquisa discutimos algumas possibilidades para o jornalismo contemporâneo, principalmente a partir do formato livro-reportagem. Desse modo, para o presente texto, decidimos trazer as proposições desse movimento analítico à luz de uma discussão sobre a crítica. A outra pesquisa (MAIA, DRUMOND e ANICETO, 2017) está ancorada no estudo de caso em consonância com a análise de narrativas produzidas no contexto do projeto *Ponte: Direitos humanos, justiça e segurança pública*¹, projeto que trabalha, na prática, outra perspectiva do jornalismo, consubstanciada na diversidade de fontes, na escrita humanizada e na evidência do jornalista-narrador.

Mediação, midiatização e interação

Desenvolver um estudo que aborde a prática jornalística não significa destacá-la do seu contexto de origem: o processo comunicativo. Desse modo, ao refletirmos sobre o papel do jornalismo na construção de sentidos acerca da diversidade, seja ela de sujeitos ou de processos sociais, devemos considerar o seu papel de mediação. Além disso, é necessário inseri-lo na lógica da sociedade contemporânea, em que a mídia exerce um papel significativo por mediar a relação entre os saberes e sentidos diversos do mundo

[1] PONTES: direitos humanos, justiça e segurança pública. Disponível em: <<https://ponte.org/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

e o sujeito receptor. Para Braga (2012, p. 32), “a ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto da realidade – nosso relacionamento com o ‘real’ é sempre intermediado por um ‘estar na realidade’”. Logo, o sujeito enxerga o mundo sob a lente do seu “estar no mundo”, da sua inserção histórico-cultural com todos os seus elementos mediadores, como o trabalho, a história de vida, a educação e as suas experiências vividas (BRAGA, 2012). Essa inserção cultural do receptor já havia sido assinalada por Martín-Barbero nos anos 1980, superando uma visão calcada apenas nos meios, na influência da comunicação de massa, e introduzindo as mediações culturais como uma possibilidade de enfrentamento e resistência. O destaque aqui é para a perspectiva relacional que emerge desde as proposições do autor, com o receptor integrado em seus ambientes, sua cultura, suas relações.

É importante sinalizar o entendimento de mediação aqui para que possamos pensar o fenômeno da midiatização não a partir da centralidade dos meios e da importância dos aparatos tecnológicos, mas inserindo-o em meio ao processo social, interacional, ao processo comunicativo em sua complexidade, no qual está inserido o jornalismo.

Na sociedade de midiática, a ‘cultura midiática’ se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade (FAUSTO NETO, 2008, p. 93).

É nesse sentido que, para refletirmos sobre a diversidade, é necessário re-

fletir sobre a abordagem midiática, e em especial a jornalística, uma vez que os saberes e sentidos veiculados pela mídia possuem força simbólica e de disseminação na sociedade atual.

Se a mídia já faz parte do cotidiano e a midiaticização modifica os nossos processos cognitivos e sociais de apreensão da realidade, a atenção dada ao fenômeno deve articular os sujeitos, em uma perspectiva relacional, e os produtos midiáticos, além de dizer sobre a relação entre as pessoas e esses produtos. A midiaticização é tecnológica e social, cada vez mais importante no processo de atribuição de sentidos ao mundo pelos sujeitos.

En este sentido, la mediatización tiene consecuencias importantes sobre la manera en que el mundo aparece en la vida cotidiana y para ella; y también en este sentido la aparición mediatizada proporciona, a su vez, un marco para definir y llevar adelante nuestra relación con el otro, en especial con el otro lejano, el otro que sólo se nos hace presente en los medios (SILVERSTONE, 2010, p. 169).

É observando essa crescente ascensão da mídia nas relações cotidianas, estabelecidas com os sujeitos e com o mundo à nossa volta, que propomos pensar o jornalismo. Mar de Fontcuberta (1993) já destacava algo nesse sentido em sua reflexão sobre a função do jornalismo e a importância da mídia no processo de tematização, que seria uma maneira de formar a opinião pública. Segundo o autor, “los medios de comunicación se han convertido en los principales impulsores de la circulación de conocimientos” (MAR DE FONTCU-

BERTA, 1993, p. 35). Seguindo essa linha, entendemos que as práticas e os produtos jornalísticos têm um papel fundamental na disseminação de sentidos e saberes que serão apropriados pela recepção, não de forma passiva, mas por meio de uma espécie de negociação na qual atuam também as experiências vividas, o arcabouço cultural e o contexto histórico-social.

A reflexão sobre a mediação e a midiaticização é fundamental, pois é ela que nos permite compreender o jornalismo em uma dimensão interacional, em que emissor e receptor não são polos extremos, mas se articulam na configuração de sentidos acerca da diversidade. Segundo Vera França (2016), a perspectiva relacional possibilita compreender a comunicação como “um processo de globalidade, em que sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação, e através da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se dentro dela” (FRANÇA, 2016, p. 158). A relação entre os sujeitos nessa visada de comunicação não é, portanto, unilateral, mas se baseia em uma mútua afetação e no compartilhamento de sentidos.

É necessário destacar que, ao falarmos em compartilhamento, em construção de mundo comum, não estamos pressupondo uma pacificação, uma concordância entre os sujeitos, tendo em vista que a tensão e o conflito estão presentes nas relações e também são promotores de sentidos. A imagem da partilha nos auxilia a pensar o caráter reflexivo da interação nas situações comunicativas, eliminando completamente a ideia de uma via de mão única, afinal, a disputa de sentidos também está prevista neste cenário.

A abordagem relacional da comunicação possui uma base pragmatista. Portanto, a mudança de paradigma de um modelo informacional para um modelo relacional da comunicação se dá pela via da ação dos sujeitos na constituição do mundo comum, da partilha de sentidos. Nas palavras de Quéré (2018, p. 24) a comunicação torna-se então “uma atividade conjunta de construção de uma perspectiva comum, de um ponto de vista compartilhado, com base de inferência e ação”.

O autor propõe a necessidade de tomar a comunicação como esquema conceitual para dar conta da atividade e da organização sociais, uma vez que, segundo o paradigma proposto por Quéré (2018) a comunicação seria o lugar da constituição social dos fenômenos, “como meio no qual emergem e se mantêm os objetos e os sujeitos, os indivíduos e as coletividades, o mundo comum e a sociedade” (p. 17).

Para tanto, o autor desenvolve uma discussão a partir da proposta de um modelo praxiológico da comunicação, em contraposição à tradição epistemológica que herdamos do século XVII. Segundo Quéré (1991), enquanto o modelo epistemológico parte de um esquema representacionista de produção e transferência de conhecimento, em que uma comunicação bem-sucedida consistiria na constituição de representações similares entre o comunicador e o destinatário, o modelo praxiológico, por sua vez, parte da ideia de uma modelagem de um mundo comum a partir da relação com os outros e com o mundo. “Então, para o modelo praxiológico, a comunicação é essencialmente um processo de organi-

zação de perspectivas compartilhadas, sem o qual nenhuma ação, nenhuma interação é possível”. (QUÉRÉ, 2018, p. 25). Assim, como podemos perceber, a perspectiva praxiológica tem origem na corrente pragmática, fundamentalmente antidualista e anticartesiana, o que torna necessário partir de uma dinâmica complexa, não-dual, para refletirmos sobre o agir comum no mundo entre os sujeitos.

Seguindo essa perspectiva, podemos dizer que não há um emissor e um receptor polarizados, mas sujeitos em relação, em uma situação comunicativa histórico, cultural e socialmente situada e conformada. Nas palavras de França (2016):

É preciso ir além da ideia de um produtor autônomo ou de um sujeito produtivista para acolher a imagem de um sujeito que, ocupando um lugar numa dinâmica relacional (em interações interpessoais ou em sistemas midiáticos complexos), está inserido em um contexto, é parte de uma coletividade, e naquela situação específica se vê afetado pelo outro (p. 159).

Tal articulação do processo de mediação, que prevê uma perspectiva interacional de que participam sujeitos diversos em contextos múltiplos, possibilita-nos entender potencialidades críticas. Isso porque, ao deixarmos de olhar para o jornalismo a partir de uma ideia de transmissão de informação e passarmos a problematizar o seu papel no compartilhamento de saberes e sentidos, que leva em conta todos os sujeitos envolvidos nesse processo, a crítica desponta como fruto dessa relação complexa e multilateral.

Novos contornos estruturais, profissionais e estéticos do jornalismo

Mas, afinal, de que jornalismo estamos falando? Refletir sobre a globalidade da prática jornalística no âmbito comunicacional requer uma problematização da atividade no cenário contemporâneo. Gislene Silva (2009) parte do conceito de campo em Bourdieu (1997), como um espaço social estruturado, instância onde se localizam certas práticas, um campo de forças. Ao tratar especificamente do jornalismo, Bourdieu (1997, p. 55 apud SILVA, 2009, p. 198) “define o campo jornalístico como um microcosmo que tem leis próprias, marcado por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsas que sofre da parte de outros microcosmos”. Há, portanto, tanto uma dimensão autônoma como um caráter dependente de outros campos, como o político e o econômico. A autora considera que, ao tomarmos o jornalismo como objeto, o nosso olhar não pode se restringir apenas à prática em si, limitando-se a descrever produtos ou rotinas produtivas; é necessário olhar para o fenômeno como um todo (SILVA, 2009).

Erik Neveu (2010) contribui para essa perspectiva ao afirmar que o jornalismo está inserido em tradições nacionais e possui uma forte vinculação temporal, histórica. O jornalismo brasileiro, por exemplo, que inicialmente se aproximou do estilo francês, mais literário e engajado politicamente, acabou influenciado pela tradição anglo-americana do século XX, que se firmou como referência. Assim, buscar uma definição de jornalismo transnacional, que não leve em conta contextos como

esse, não permite uma aproximação da realidade da prática. Dessa forma, não é possível desvincular a atividade jornalística do contexto histórico-social, bem como dos outros campos que influenciam a prática, como o político, o econômico e o cultural.

O jornalismo tem o mesmo caráter mutante da sociedade. Não é possível limitar o papel do jornalismo a um intérprete dos fatos quando, na verdade, ele possui um papel social, apropria-se da rede complexa da sociedade, com as relações e urgências que nela se estabelecem, mudando na medida em que ela se modifica, ou seja, constantemente. As pressões vivenciadas diariamente na profissão, tanto internas como vindas de outros campos, como o econômico, afetam os sujeitos jornalistas, as produções finais e, conseqüentemente, os sujeitos leitores, transformando o modo como a prática se efetua e é vista.

Por ser uma prática complexa, o jornalismo pode ser tomado a partir de algumas dimensões como: por sua missão ou função na sociedade; pelas suas características estruturais; pelas rotinas produtivas; como profissão; pela sua dimensão discursiva e narrativa. Devido a esse caráter multifacetário, cada pesquisa na área dos estudos em jornalismo tende a dar ênfase a algumas dimensões em detrimento de outras, mas é necessário ter em vista que se trata de um objeto amplo e complexo, envolto em uma série de mecanismos de outros campos e de grande importância social. Essa característica do campo dificulta a sua compreensão total, o que acaba por ocasionar, em contrapartida, uma tentativa de homogeneização do jornalismo, destacando-se aspectos

consensuais, buscando-se ainda determinar características essenciais, que contribuem para a legitimação da prática, e apagando sua multiplicidade de abordagens e particularidades.

Para Deuze e Witschge (2015), o plano moderno de colocar um objeto rebelde, como é o caso do jornalismo, sob controle, ocorre em consequência da busca pela construção de coerência e consenso. No entanto, os autores destacam que o jornalismo é feito e refeito todos os dias por jornalistas, é uma profissão em evolução, que necessita de uma ontologia do *tornar-se* ao invés do *ser*. O olhar sempre para o ambiente da redação, das organizações, já não basta, tornando necessário encontrar “maneiras de abordar o jornalismo em sua construção através das práticas cotidianas e da variedade de (auto)compreensões do jornalismo que cercam a profissão” (DEUZE e WITSCHGE, 2015, p. 24).

A inquietação dos autores nos inspira a perscrutar a prática jornalística não a partir do que seu discurso diz que ela é, na forma como ela se legitimou ao longo do tempo, mas buscando pistas de uma crítica que ocorre nas próprias produções. Narrativas que chamam atenção para tensões, desafios e angústias que não estão previstos nos manuais de redação, bem como apontam para possibilidades de narrar o diverso. Trataremos dessa questão de forma mais aprofundada no próximo item, aqui vale a indicação da importância de buscarmos novos olhares para encarar o fazer jornalístico.

Em um trabalho mais recente, os autores discutem a necessidade de conceituar o jornalismo para além das anti-

gas organizações. “O que o jornalismo é e o que é ser um jornalista pode ser entendido tanto em termos ideológicos quanto praxeológicos e não são mais dependentes do trabalho realizado dentro de instituições” (DEUZE e WITSCHGE, 2016, p. 12). Assim, as novas condições de trabalho, o empreendedorismo, o aumento de profissionais freelancer e a precarização redefinem o horizonte da prática, que não mais pode ser limitada e compreendida sob a dinâmica das redações.

A fim de ressituar os estudos em jornalismo é preciso compreender o cenário social mais amplo em que a prática se insere e que ela ajuda a constituir. Deuze e Witschge afirmam:

Uma chave para reorientar os estudos em jornalismo no sentido de compreender a condição humana em rápida mudança pode ser encontrada no projeto do fim do século XX de re-teorizar a própria modernidade, aferido pela sugestão de que a modernidade entrou em uma nova fase, formulada como uma modernidade segunda, em rede ou líquida (2016, p. 12).

Desse modo, da mesma forma que a prática jornalística se transforma a partir da liquidez de que trata Bauman (2001), ela é conformada por essa sociedade líquida moderna, na qual “incerteza, fluxo, mudança, conflito e revolução são condições permanentes da vida cotidiana” (DEUZE e WITSCHGE, 2016, p. 12). Com isso, a mídia e o jornalismo exercem um importante papel na exposição e expansão desse estado líquido da modernidade, ou seja, o jornalismo é, ao mesmo tempo, produto e resposta do ambiente instaurado.

Essa conformação da prática sob essa liquidez pode ser observada não só pela individualização da atividade jornalística ou por uma aceleração da produção com coberturas em tempo real e a instantaneidade, mas em iniciativas em resposta a esses sintomas, como é o caso da valorização de um jornalismo que investe em produções de caráter intensivo e extensivo que visam fazer frente a uma superficialidade da cobertura. Para tanto, sob uma perspectiva de um jornalismo que “torna-se” ao invés de “ser”, podemos perceber uma multiplicidade de dinâmicas, gêneros e formatos para a prática nesses tempos líquido-modernos, o que mostra ser possível, segundo os autores, falarmos em *jornalisms*, no plural, uma vez que não há mais como homogeneizar os processos e as produções jornalísticas, principalmente aquelas que buscam tratar da diversidade.

A dificuldade inserida nesse quadro, para os estudiosos da área, é a relação com um objeto cada vez mais fluido, o que evidencia a necessidade de reconsiderarmos antigos saberes que se baseavam em espaços bem organizados de trabalho e voltarmos o olhar para essa rede dispersa e fragmentada de jornalistas, observando que olhar para as rotinas de produção já não é mais suficiente para compreender as dinâmicas do campo (DEUZE e WITSCHGE, 2016).

À vista disso, os novos contornos estruturais, profissionais e estéticos do jornalismo atual expõem a fragilidade de antigos discursos sobre a prática, como os da objetividade e da imparcialidade que buscavam esconder o elemento persuasivo da atividade jornalística. Em contrapartida, ao colocar velhos cânones em

xeque, abrem-se novos caminhos para a compreensão da prática, como buscamos apontar neste trabalho.

Nesse esteio, Gislene Silva (2009), ao tecer suas críticas sobre o modo como se toma o jornalismo enquanto objeto, destaca que “categorias clássicas do jornalismo moderno – objetividade, imparcialidade, atualidade – não atendem à complexidade do processo comunicacional-jornalístico” (SILVA, 2009, p. 208). Tais categorias habitam discursos sobre a prática que se revelam em dissonância com a realidade e, portanto, devem ser tratados criticamente, sempre buscando um olhar além, que leve em conta que, por trás dessas características e parâmetros tidos como parte de uma essência jornalística, esconde-se um desejo de legitimação.

Dessa forma, a construção de um discurso sobre si mesma contribuiu para padronizar a prática jornalística; tentou-se materializar ideais como imparcialidade e objetividade no modelo de texto jornalístico tradicional, para que fosse assim reconhecido enquanto tal. Essa homogeneização do modo como a prática é vista se torna problemática na medida em que, ao criticar esse modo específico do fazer jornalístico, praticado pelas grandes empresas de jornalismo que possuem uma maior difusão e, portanto, maior acesso, promove-se um deslocamento dessa crítica para o jornalismo como um todo. Nesse ponto, a prática e o discurso sobre a prática se atravessam, constituindo um saber acerca do que seria o jornalismo, além de legitimar uma determinada forma de olhar e de narrar a realidade. No entanto, é necessário questionar: a complexidade do fazer jornalístico pode ser limitada a essa concepção?

É nesse sentido que a ação questionadora dos próprios repórteres e também dos leitores se faz fundamental. É ela que permite o tensionamento dos jornalismo possíveis para além de uma concepção limitadora que diz respeito às práticas hegemônicas e que não dá conta da multiplicidade de fazeres. E é esse movimento crítico que será abordado a seguir.

A metacrítica como materialização da experiência jornalística renovada

A dinâmica constituinte e instituinte de sentidos em nosso cotidiano é pautada pelo ambiente de mediações presentes em nosso espaço social, o que garante uma expressiva presença de materiais simbólicos em nossos movimentos interativos. Em todo caso, como não temos a pretensão de ampliar o escopo do presente trabalho, iremos refletir, em especial, sobre a mediação jornalística tal qual nos propõe o pesquisador Elton Antunes (2016). Ao discutir o papel das mídias noticiosas como integrantes de um processo mais complexo de interações, ele afirma que podemos pensar a mediação jornalística “como uma rede de circulação de notícias mas também de partilha de valores e de legitimidade” (ANTUNES, 2016, p. 54).

Antes, porém, de adentrarmos nessa esfera particular, propomos uma rápida discussão sobre a metacrítica como espaço de materialização de uma experiência que exprime os possíveis jornalismo em voga na contemporaneidade.

Ao trazer à tona o conceito de metacrítica, estamos, de alguma forma, explicitando o papel da crítica na atualidade. Trazemos aqui a perspectiva adotada por Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009), que questionam os motivos pelos quais a crítica ao sistema capitalista chegou a níveis mínimos no final do século XX (explicitando que o século XXI ainda está em seu início). Eles trabalham com a noção de “espírito capitalista”, em três períodos históricos, que seria a forma que o próprio sistema teria para agenciar e conformar o engajamento ao sistema. De maneira resumida, é possível dizer que o primeiro espírito trazia como mote a noção do capitalista empreendedor, burguês, uma clara referência ao que poderia ser chamado de capitalismo familiar; o segundo espírito, teria se organizado em torno da figura do diretor e dos executivos, tendo como foco a burocracia e a especialização; e o terceiro é o que envolve o capitalismo globalizado, em especial a partir das novas tecnologias.

Essas transformações no sistema capitalista não ocorreram como desenvolvimentos inerentes ao sistema, mas, de alguma forma, passaram por tensões ocasionadas pela ação dos movimentos sociais, instados a partir de determinadas críticas. A relação entre mudanças e críticas, portanto, é própria da realidade societária, que atravessa momentos instáveis em sua composição. Boltanski e Chiapello (2009) identificam quatro fontes de indignação em relação ao sistema capitalista:

a) como fonte de desencanto e de inautenticidade dos objetos, das pessoas, dos sentimentos e, de modo mais geral, do tipo de vida que lhe está associado; b)

o capitalismo como fonte de opressão, porque, por um lado, se opõe à liberdade, à autonomia e à criatividade dos seres humanos que, sob seu império, estão submetidos à dominação do mercado como força impessoal que fixa os preços e designa os homens e produtos-serviços desejáveis ou não, e, por outro lado, devido às formas de subordinação da condição salarial [...]; c) o capitalismo como fonte de miséria para os trabalhadores e de desigualdades com uma amplitude desconhecida no passado; d) o capitalismo como fonte de oportunismo e egoísmo que, favorecendo apenas os interesses particulares, revela-se destruidor dos vínculos sociais e das solidariedades comunitárias, em particular das solidariedades mínimas entre ricos e pobres (p. 73).

O modelo jornalístico mais tradicional, organizado a partir de instituições empresariais capitalistas, estaria em uma situação de passibilidade desse movimento de indignação. O que os autores dirão, entretanto, é que essas fontes de indignação não são articuladas e, muitas vezes, chegam a estados de oposição entre si. O que nos leva a questão da eficácia da crítica aos modelos de jornalismo existentes.

Se a crítica ao sistema, de modo geral, não tem conseguido promover grandes mudanças, é possível inferir que o modo de produção jornalística tradicional também não tem passado por muitas alterações. O que nos leva então para uma outra visada, reconhecendo na metacrítica um movimento crítico que por não ser exterior ao fazer jornalístico incide diretamente na prática profissional, com resultados distintos ao modelo ainda tido como hegemôni-

co. Dessa forma, surgem novos modos de experimentar o jornalismo que “empreendem uma crítica àquilo estabelecido como padrão, realizando-a não como uma análise sobre a mídia, mas no próprio fazer midiático” (SILVA e SOARES, 2016, p. 12).

Como forma de intervir de maneira original e pouco afeita aos ditames dos manuais de redação, vislumbramos, no escopo desse trabalho, a potência de novas atividades profissionais, muitas delas oriundas da conexão entre leitores, responsáveis por financiamentos coletivos, e outras vindas da iniciativa de jornalistas com larga experiência nas redações tradicionais, e que exercem o que poderíamos chamar de narrativas da diversidade. Essa modalidade de configurar experiências a partir de outras vozes, outras fontes e outras formas de captar e escrever sobre o real adquire inúmeras formas, como sites, livros e blogs. Uma perspectiva prismática que atende às diferenças, sem deixar de tocar nas tensões inerentes aos seres humanos em sociedade.

Para Medina (2006, p. 69) “comunhão, a plenitude da comunicação, ocorre na tríplice tessitura da ética, técnica e estética”. Essas três dimensões são fundamentais para o devido tensionamento das práticas jornalísticas. Problematizar essa tríade – ética, técnica e estética – nesse âmbito é um exercício que deve ser efetuado tanto pelos profissionais da área quanto pelos seus estudiosos. Buscando assim diminuir o hiato que existe entre o discurso e o dia a dia da atividade jornalística.

Nesse esteio, temos a dimensão técnica enquanto questão. No que se refere aos avanços tecnológicos, o desenvolvi-

mento da *web* como espaço para produção e distribuição de conteúdo jornalístico trouxe novas e inéditas possibilidades para a produção jornalística. No ambiente digital, novas ferramentas possibilitaram novos formatos e, sobretudo, a mescla de diversas linguagens já conhecidas, como vídeo, foto, áudio e texto em uma mesma reportagem. Ainda que na época do surgimento da internet alguns fatalistas pregassem o fim do jornalismo, o que ocorreu foi o inverso: iniciativas de produção jornalística independente, projetos ligados aos movimentos sociais e propostas que se baseiam no livre compartilhamento encontraram o seu lugar na *web*.

O baixo custo de manutenção, a possibilidade de uma narrativa que pode agregar diversos formatos, uma infinidade de espaço e uma fácil e rápida disseminação tornaram possível o advento de diversos projetos de jornalismo independente das grandes empresas de comunicação. Como é o caso de iniciativas como a *rede Jornalistas Livres*, a *Ponte Jornalismo*, a *Mídia Ninja* e a *Agência Pública*, que despontam no cenário comunicacional digital e promovem uma crítica aos moldes convencionais do jornalismo exercido nos grandes meios ao demonstrar que um novo modo de jornalismo é possível.

A *Agência Pública* representa uma proposta que se fixou na *web*, explorando o formato de agência, e produz, segundo seu site²,

[...] reportagens de fôlego pautadas pelo interesse público, sobre as grandes questões do país do ponto de vista da população – visando ao fortalecimento do direito à informação, à qualificação do debate democrático e à promoção dos direitos humanos (AGÊNCIA PÚBLICA, 2018).

As produções podem ser replicadas livremente desde que sejam dados os devidos créditos. A agência foi fundada pelas jornalistas Natália Viana e Marina Amaral, não possui fins lucrativos e é financiada por fundações como a *Ford Foundation* e a *Open Society Foundation*, além de contar com financiamentos específicos para algumas séries de reportagens, e por meio do *crowdfunding*³.

Já a proposta da *Mídia Ninja* e da *rede Jornalistas Livres* se baseia em uma rede de comunicadores e coletivos que se articulam para a produção de conteúdo jornalístico. Utilizam a internet para distribuir as suas produções e têm como proposta o livre compartilhamento. No caso da *rede Jornalistas Livres* não há uma gestão definida; todos os participantes produzem e disponibilizam o conteúdo no site.

Salvo as especificidades de cada um desses projetos, eles aglutinam algumas discussões sobre os rumos do jornalismo na atualidade, como a crítica à produção jornalística dos grandes veículos de comunicação e a invisibilidade de questões caras ao debate democrático e à promoção de direitos humanos na mídia tradicional.

[2] AGÊNCIA PÚBLICA, 2011. Disponível em: <<https://apublica.org/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

[3] Modelo de financiamento coletivo baseado na doação direta dos próprios leitores.

Além de uma crítica sobre a própria prática, suas dinâmicas e características, essas iniciativas trazem em suas produções modos de olhar para a diversidade que são por si só críticas a uma invisibilidade do diverso na chamada mídia tradicional, bem como a abordagens limitadoras e reducionistas das realidades múltiplas. Estamos falando aqui de um narrar que é ação crítica, como ocorre em *São Gabriel e seus demônios*,⁴ reportagem produzida pela jornalista Natália Viana (2015) e veiculada no site *Agência Pública de Reportagem e Jornalismo Investigativo*. A produção foi vencedora na categoria Crônica e Reportagem do Prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo⁵ de 2016, premiação que é uma iniciativa da *Fundação para o Novo Jornalismo Ibero-americano* (Fnpi)⁶. Nessa produção, a jornalista aborda o alto índice de suicídio indígena, principalmente de jovens, na região de São Gabriel da Cachoeira, cidade localizada às margens do Rio Negro, no Amazonas.

A reportagem articula sentidos e saberes diversos que se referem ao modo indígena de ver e de experienciar o mundo, que, atualmente, não é mais apenas a partir de um conhecimento ancestral tradicional, mas que já ocorre a partir de

outras matrizes fruto da relação entre indígenas e população local, assim como a influência das igrejas evangélica e católica. Como problematiza a jornalista⁷:

A primeira coisa que é preciso saber ao chegar a São Gabriel da Cachoeira é que, debaixo do morro que ladeia a praia de areia branca e águas escuras, mora a Cobra Grande, pronta a engolir o visitante desavisado, seja índio ou branco, que se aventura sem cuidado nas fortes corredeiras. Ali onde está a igreja católica, azul e branca, e o imponente prédio da Diocese a paisagem é tingida pelo som furioso das águas, ininterrupto. À noite, quando o barulho dos carros e dos bares se aquieta, parece que as cachoeiras formadas pelas pedras do rio passam por cima da cidade e arrastam todo mundo para longe, como nas tantas histórias que se conta sobre jovens, meninos e meninas abraçados pela cobra do rio (VIANA, 2015).

Abordar essa multiplicidade é uma das marcas dessa produção, que foi laureada por uma iniciativa que premia produções jornalísticas que aliam rigor investigativo e cuidado narrativo na Ibero-América. Essa abordagem torna-se reveladora de tantas outras pluralidades que não aparecem em outras narrativas do jornalismo.

Além da crítica pelo narrar, a reportagem também se mostra questionadora

[4] VIANA, Natália. *São Gabriel e seus demônios*. **Agência Pública**, 2015. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/05/sao-gabriel-e-seus-demonios/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

[5] PRÊMIO GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ DE PERIODISMO, 2016, Cartagena de Índias, Colombia. **Anais eletrônicos**... Cartagena de Índias, Colombia: Fnpi, 2016. Disponível em: <<http://www.fnpi.org/premioggm/el-premio-2/acerca-del-premio/?lang=pt>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

[6] Fnpi. Disponível em: <<http://www.fnpi.org/index.php?id=261>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

[7] VIANA, Natália. *São Gabriel e seus demônios*. **Agência Pública**, 2015. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/05/sao-gabriel-e-seus-demonios/>>. Acesso em: 14 fev. 2018. Reportagem on-line.

da atividade jornalística, conforme podemos ver no trecho⁸:

Mas quem chega a São Gabriel e pergunta nas ruas, nos bares, nas igrejas vai ouvir que os suicídios são um problema do passado. Uma crise, um surto, pronto, passou, não se fala mais nisso. Faz tempo que o assunto não atrai jornalistas forasteiros rio acima, com seus gravadores e suas perguntas. É no passar vagaroso dos dias que os relatos começam a aparecer. E são muitos, em todo canto (VIANA, 2015).

Seguindo essa mesma perspectiva, temos outro exemplo inovador que é a *Ponte Jornalismo*, que se configura, segundo seu site⁹,

[...] como um canal de informações sobre Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos que surgiu da convicção de um grupo de jornalistas de que jornalismo de qualidade sob o prisma dos direitos humanos é capaz de ajudar na construção de um mundo mais justo (2014).

A iniciativa foi encaminhada pelos jornalistas André Caramante, Bruno Paes Manso, Caio Palazzo, Claudia Belfort, Fausto Salvadori Filho, Joana Brasileiro, Laura Capriglione, Luis Adorno, Maria Carolina Trevisan, Marina Amaral, Milton Bellintani, Natalia Viana, Paulo Eduardo Dias, Tatiana Merlino, Rafael Bonifácio e William Cardoso. O projeto contou, inicialmente, com o apoio financeiro da *Agência Pública* e, atualmente, conta

com o auxílio de mais de 40 instituições e 52 indivíduos divididos entre artistas, intelectuais, empresas de jornalismo independente, ONGs e coletivos nacionais.

Pesquisa realizada em 2017 por Maia, Drumond e Aniceto, que teve como norte metodológico o estudo de caso e a análise das narrativas jornalísticas a partir da transparência dos métodos de captação e da identificação das fontes principais das matérias e reportagens produzidas pela *Ponte*¹⁰, observou que há um equilíbrio no processo de produção das reportagens, em que pese a linha editorial do projeto evidenciar o compromisso com a justiça e os direitos humanos.

Um dos elementos importantes a ser considerado refere-se à forma de organização da *Ponte Jornalismo*. Temos aqui um caso em que o papel do jornalista aparece de maneira ativa e autoral, o que diverge do padrão rotineiro sustentado pelas empresas jornalísticas, que seguem parâmetros definidos a partir da chamada “objetividade” ou da “imparcialidade”.

Outro aspecto a ser considerado, e que mais condiz com a discussão aqui proposta, indica a presença de fontes variadas e diversas, o que conflita com a

[8] Idem.

[9] PONTE JORNALISMO, 2014. Disponível em: <https://ponte.org/>. Acesso em: 14 fev. 2018.

[10] A proposta da pesquisa era compreender como o processo de produção noticiosa da *Ponte* diverge das estruturas das narrativas jornalísticas tradicionais. Nesse sentido, foram selecionadas 12 reportagens veiculadas entre os meses de junho e julho de 2017 pelo veículo e empreendeu-se a identificação de suas fontes (em ordem de aparição, de forma a evidenciar a hierarquização das personagens consultadas), temas (através da manchete e linha fina) e elementos de subversão e transparência no processo narrativo.

publicação de matérias relacionadas à violência nos veículos tradicionais:

Das fontes consultadas para a construção das reportagens, 25 são fontes “da margem” (presidiários, detentos, usuários de drogas, moradores de comunidades periféricas, mulheres e minorias vítimas de opressão), dez são especialistas, quatro são fontes oficiais e oito seguem aos intertítulos “Outro lado” dentro das reportagens de denúncia – fontes que respondem pelos acusados, sendo eles muitas vezes assessores de imprensa ou advogados (MAIA, DRUMOND e ANICETO, 2017, p. 89).

O que se percebeu, a partir da análise das 12 reportagens da *Ponte*, é que a maioria absoluta das fontes advém da “margem”, situação inversa das publicações convencionais da área de segurança que priorizam os boletins de ocorrência e versões policiais para a produção das reportagens. Reconhecemos também a coerência do projeto, que ousa apresentar outras vozes no cenário comunicacional e, além disso, assume um relato humanizado dessas histórias que poderiam ser silenciadas, dada a condição periférica das fontes (seja geográfica ou politicamente).

As novas possibilidades trazidas pelo cenário digital, aliadas a uma postura crítica adotada por jornalistas que buscam olhar para a atividade a partir das suas potencialidades, abrem um novo horizonte de possibilidades. Ao tentar se desvincular da lógica de mercado buscando novas formas de financiamento e condições de produção mais baratas, há uma mudança significativa na dinâmica da prática jornalística, propiciando uma

maior independência na produção de conteúdo. Além disso, tensionar o modelo jornalístico tradicional a partir de propostas consistentes de um novo modo de produzir conteúdo jornalístico, de narrar e, assim, de compartilhar a realidade, é um importante ponto de partida para repensar o jornalismo atual.

No entanto, não foi o ambiente digital, com as suas ferramentas e potencialidades que destacamos aqui, que inaugurou as possibilidades críticas presentes em produções jornalísticas. Em pesquisa realizada para a produção da dissertação de Mestrado em Comunicação, na Universidade Federal de Ouro Preto (BARRETOS, 2017), tivemos como intuito refletir sobre a alteridade e a partilha de sentidos possíveis pela escrita jornalística. Essa investigação nos permitiu acessar relatos acerca da própria prática, assim como tensionar narrativas de livros-reportagem em busca de uma maior compreensão de uma relação entre sujeitos intrínseca ao jornalismo.

Trazemos essa experiência de pesquisa aqui, pois ela nos revelou uma crítica jornalística que se relaciona a uma dimensão ética. E não apenas a ética deontológica, prevista em um código de conduta, mas a ética que deriva da relação com o *outro*. Nesse sentido, muitos dos questionamentos e apontamentos encontrados apontavam na direção de uma complexidade ao abordar a diversidade, que diz respeito aos vários *outros* que estão imersos em realidades e processos distintos.

O próprio espaço do livro-reportagem é muitas vezes o local de ampliação da ex-

periência jornalística das redações. Obras como *O olho da rua*, de Eliane Brum (2008,) e *O nascimento de Joicy*, de Fabiana Moraes (2015), trazem relatos sobre o processo de produção de narrativas jornalísticas (nesses dois casos em particular de narrativas que foram veiculadas em veículos da imprensa tradicional: a revista *Época* e o *Jornal do Commercio*).

Já as produções de Daniela Arbex (2015), ainda que não tragam partes ou capítulos específicos para apresentar os bastidores da produção, também apresentam em suas narrativas aspectos da investigação. Desse modo, há o intuito de apresentar uma transparência dos procedimentos de captação, compartilhando esse processo com o leitor. A produção da autora analisada em nossa pesquisa, o livro-reportagem *Cova 312*, segue a característica principal da prática de Arbex: um profundo trabalho investigativo. Nesse sentido, a produção da autora em livro configura-se enquanto uma ampliação do trabalho jornalístico investigativo em que diferentes vozes, versões, documentos, dados e o olhar crítico da autora são articulados à experiência de apuração da jornalista durante a construção narrativa.

Um exemplo disso é a apresentação de versões contraditórias envolvendo uma mesma fonte, como no seguinte trecho:

Araken garante que Milton nunca soube que, ao invés do *Panfleto*, estava na verdade transportando armamento utilizado em Santa Catarina[...]. Edelson contesta a informação e garante que tanto ele quanto o irmão sabiam exatamente o que estavam carregando (ARBEX, 2015, p. 50).

Além de deixar transparecer o dissenso, a jornalista utiliza do mecanismo de transparência para descrever os passos da apuração e os desafios do cotidiano em uma redação jornalística de um jornal do interior:

Comecei pela localização dos amigos de Milton Castro que foram trazidos para Juiz de Fora com ele. Antes, porém, teria de encontrar, por telefone, seus parentes, já que o jornal não dispunha de recursos para uma viagem a Porto Alegre (ARBEX, 2015, p. 95).

A jornalista Eliane Brum (2008), em sua reportagem chamada *Um país chamado Brasilândia*, compartilha o desafio de tratar de uma vivência tão marcada pela diversidade na comunidade de Brasilândia, bem como a busca por um modo de olhar que possibilitasse uma maior compreensão da complexidade do cotidiano e dos sujeitos daquela comunidade sem cair no extremo da fantasia.

Meu desafio era continuar estrangeira para manter o olhar de espanto, necessário para ver uma camada além do óbvio. Mas sem me deixar contaminar pelo olhar de turista, aquele que enxerga a realidade filtrada pelos seus preconceitos ou pelas suas fantasias (BRUM, 2008, p. 302).

Já no que diz respeito a uma postura do próprio jornalista, Brum (2008) aciona uma crítica a um fazer jornalístico em certa medida automatizado, em que a responsabilidade com as fontes e personagens muitas vezes é deixada de lado. Na visão da autora:

[...] nenhuma reportagem é mais importante que uma pessoa. Nós sempre temos de dar para cada um que nos honra com a história de sua vida a explicação clara, honesta, de que isso vai ser contado para milhões de pessoas, vai se transformar em documento (p. 129).

Esse fragmento foi retirado do relato da jornalista sobre a reportagem *A casa de velhos*, da parte em que ela reflete sobre como inconscientemente expôs aqueles que confiaram suas confidências a ela. “Eu levei sua voz ao mundo de fora, mas os expus. Eu os tratei como personagens de ficção, não como gente real” (BRUM, 2008, p. 130). Essa autocrítica demonstra a necessidade constante de reflexão, fazendo com que o olhar do jornalista para o seu fazer se desenvolva no sentido de um comprometimento com as pessoas.

Em um movimento semelhante, Moraes (2015) partilha com seus leitores os problemas e reflexões vivenciados durante a produção de uma reportagem sobre o processo de redesignação sexual de uma mulher trans do interior de Pernambuco. Tratar dessa realidade que é vivenciada por tantas pessoas no país demandou uma crítica acerca de um fazer jornalístico que invisibiliza. A escolha da jornalista foi por produzir um relato pessoal e incluí-lo no livro que continha a reportagem na íntegra. No entanto, a narrativa da reportagem em si aciona reflexões que são próprias da experiência trans, como no seguinte diálogo que ela transcreve:

- Soubesse que tinham te dado como morto, João?

- Agora é Joicy, mulher

- Desculpa, eu esqueço. Soubesse? (MORAES, 2015, p. 68)

O livro *O nascimento de Joicy* possui uma singularidade no que se refere à reflexão sobre a prática jornalística. Na segunda parte do livro, Moraes (2015) expõe o seu convívio com a personagem Joicy, as dificuldades, os conflitos, os impasses que perpassam a relação entre jornalista e personagem. Desse modo, essa produção não só é reveladora da interação entre sujeitos no jornalismo para além da produção jornalística final, a reportagem, mas também tem como particularidade ser um espaço de reflexão da própria jornalista sobre o seu fazer.

Essa segunda parte inicia-se com a descrição de um momento delicado vivenciado por ela após a publicação da reportagem no jornal, em que Joicy a acusa de estar ficando com o dinheiro das doações que começaram a ser feitas por leitores.

Há inclusive quem diga que você vem ficando com todo o dinheiro que deveria me dar”, disse Joicy, falando de um telefone a quase 300 quilômetros de distância de mim. Eu estava acostumada a ouvir absurdos de diferentes graus nas conversas que mantínhamos a mais de um ano, mas a frase foi fulminante (MORAES, 2015, p. 91).

Assim, assumindo as questões limítimas que emergem da relação entre o repórter e o personagem e desenvolvendo uma autocrítica acerca desse processo de aproximação, Moraes destaca a necessidade de uma desconstrução da ideia de não-proximidade, de um não-envolvimento.

Mais do que deixar claro para o leitor o processo de construção da reportagem, a transparência é uma forma de refletir sobre a prática jornalística. “As situações descritas, possivelmente prosaicas em outras circunstâncias, trouxeram à tona meus próprios limites humanos, éticos e profissionais” (MORAES, 2015, p. 22).

É interessante perceber que as produções das jornalistas que fizeram parte do recorte dessa pesquisa e que apresentamos aqui tiveram grande visibilidade e foram reconhecidas por diversos prêmios. A série de reportagens publicada no *Jornal do Commercio* em 2011 e que em 2015 deu origem ao livro *O nascimento de Joicy* ganhou o Prêmio Esso¹¹ no mesmo ano. Em 2016, o livro foi finalista do Prêmio Jabuti. Já o livro *Cova 312* foi vencedor do prêmio Jabuti¹² na categoria livro-reportagem em 2016. Tal reverberação parece indicar para uma valorização de um fazer jornalístico que se propõe crítico. Eliane Brum, em 2017, por exemplo, ficou em primeiro lugar no ranking dos jornalistas mais premiados no Brasil.

Assim, seja a partir do ato de contar sobre os processos jornalísticos que culminaram em produções de fôlego, seja pela própria construção da narrativa dessas produções, a crítica na forma como compreendemos aqui está presente. Ela tensiona a prática jornalística e seus narrares

possíveis não só quando aparece de forma explícita, mas também quando consta nas entrelinhas do escrito.

Considerações finais

Consideramos, a partir de uma perspectiva relacional, que a experiência jornalística está localizada na dinâmica espaço-temporal dos fluxos sociais. Reconhecemos ainda que a dimensão dialética entre processos de configuração e de recepção ocorre diuturnamente na produção de sentidos proporcionada pelos meios de comunicação e, no caso específico deste trabalho, em novas experiências do fazer jornalístico contemporâneo. O que nos leva ao argumento de que o movimento crítico também pode ser assegurado por novas formas desse fazer, tomando-se o devido cuidado sobre a análise, conforme já alertávamos na pesquisa sobre a *Ponte*:

Não se trata, contudo, de romancear as condições de produção, recepção e circulação dessas narrativas, mas de reconhecer o ânimo que distingue tais modalidades de trabalho daquelas compreendidas pelas corporações jornalísticas orientadas pela noticiabilidade financeira e pelo dever de assessoria a atores políticos específicos (MAIA, DRUMOND, ANICETO, 2017, p. 73).

Achamos pertinente retomar, nestes apontamentos finais, a questão sobre o movimento que a crítica e a metacrítica podem desenvolver em certo período histórico. Conforme discutimos no item

[11] PRÊMIO ESSO DE REPORTAGEM, 2011, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife, Brasil: ABI, 2011. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/os-vencedores-do-premio-esso-de-jornalismo/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

[12] PRÊMIO BURITI, 58., 2016, Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília, DF: MEC, 2016. Disponível em: <<http://www.brasilia.df.gov.br/premio-merito-buriti/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

sobre metacrítica, somente a crítica não aciona novas dinâmicas, mas ela pode contribuir, a partir dos movimentos e ações sociais, para alterar procedimentos e abalar estruturas hegemônicas. As pesquisas que foram objeto de discussão neste artigo evidenciam a abrangência de vários projetos desenvolvidos na *web*, que alcançam públicos variados (além de trazerem a diversidade como pauta cotidiana), bem como dos livros-reportagem, que conseguem atingir um número maior de pessoas (e ainda estender horizontal e verticalmente a própria reportagem).

Ao refletir sobre esses novos formatos, estamos também tensionando os processos de midiatização, que operam a partir dos fluxos simbólicos enredados pelas narrativas e que acionam temporalidades imbricadas pelas ações e ideias do passado, presente e futuro. Compreendendo a importância desse imbricamento, consideramos o espaço da experiência jornalística como um lugar potente para a abordagem da diversidade hoje.

As experiências indicadas neste trabalho expressam dinâmicas de um fazer jornalístico que “converte-se em pressuposto criador de um modo de fazer; um princípio que oferta sentidos éticos ao exercício da profissão, aos modos de relação com o outro, a dimensão ativa e transformadora implícita ao gesto de narrar” (MAIA, DRUMOND, ANICETO, 2017, p. 74). Configuram novos espaços de crítica a partir da própria prática cotidiana na medida em que fazem circular novas fontes e vozes no fluxo diário da comunicação.

Retomando a noção apresentada por Elton Antunes (2016), e amparadas

pelas pesquisas apresentadas, questionamos o caráter restritivo e reducionista de boa parte das veiculações noticiosas dos meios tradicionais que, muitas vezes, simplificam as notícias e invisibilizam certos atores sociais que, justamente, poderiam conferir maior pluralidade e complexidade aos fatos e fenômenos socialmente compartilhados. Reconhecemos, a partir dos estudos empreendidos em nossas pesquisas, a importância da visibilidade e da diversidade como elementos constituintes do poder hermenêutico da crítica e, mais particularmente, da metacrítica. ■

[MARTA REGINA MAIA]

Docente Associada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Líder do Grupo de Pesquisa “Jornalismo, Narrativas e Práticas Comunicacionais” (JorNaI/CNPq). Coordena projetos de pesquisa sobre narrativas jornalísticas, na intersecção entre história, memória, crítica e midiatização.
E-mail: marta@martamaia.pro.br

[DAYANE DO CARMO BARRETOS]

Graduada em Jornalismo e Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é professora substituta no curso de Jornalismo da UFOP.
E-mail: dayanecbarretos@gmail.com

Referências

AGÊNCIA PÚBLICA, 2011. Disponível em: <<https://apublica.org/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

ANTUNES, Elton. Na cena da notícia: vestígios do jornalismo no assassinato de mulheres. In: MARTINS, Moisés de Lemos; CORREIA, Maria da Luz; VAZ, Paulo Bernardo; ANTUNES, Elton. (Eds.). **Figurações da morte nos mídia e na cultura**: entre o estranho e o familiar. Braga: CECS, 2016. p. 49-69

ARBEX, Daniela. **Cova 312**. São Paulo: Geração Editorial, 2015.

BARRETOS, Dayane do Carmo. **Experimentar encontros e compartilhar sentidos**: a escrita de si e do outro nas narrativas de jornalistas brasileiras. 2017. 167 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais, 2017.

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPPELLO, Ève. O espírito do capitalismo e o papel da crítica. In: _____ . **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2009. p. 31-79.

BOURDIER, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: JACKS, Nilda; JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela. (Orgs.). **Mediação & midiatização** . Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: O Globo, 2008.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. Além do jornalismo. **Leituras do jornalismo**, São Paulo, ano 2, v. 2, p. 1-31, jul./dez. 2015. Disponível em: <<http://www2.faac.unesp.br/ojs/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/74>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

DEUZE, Mark; WITSCHGE, Tamara. O que o jornalismo está se tornando. In: **Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 8-21, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

DEWEY, John. **The public and its problems**. Athens: Shallow Press, 1980.

FÍGARO, Roseli. Atividade de comunicação e trabalho dos jornalistas. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**: E-compós, Brasília, v. 16, n. 1, p. 1-18, jan./abr. 2013.

FNPI, 1995. Disponível em: <<http://www.fnpi.org/index.php?id=261>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

FRANÇA, Vera. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. (Orgs.). **Pesquisa em Comunicação**: metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016.

MAIA, Marta Regina, DRUMOND, Rafael; ANICETO, Caio Macedo Rodrigues. Prática metacrítica: a configuração de novas narrativas jornalísticas. **Brazilian Journalism Research**, Brasília, DF, v. 13, n. 2, p. 72-95, ago, 2017.

MAR DE FONTCUBERTA, Maria de. **La noticia**: pistas para percibir el mundo. Barcelona: Paidós, 1993.

MEDINA, Cremilda. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

NETO, Antonio. Fragmentos de uma analítica da midiaticização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

NEVEU, Erick. As notícias sem jornalistas. Uma ameaça real ou uma história de terror? In: **Brazilian Journalism Research**, Brasília/DF, v. 6, n. 1, p. 29-57, 2010. Disponível em: <<http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/246>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

PONTE JORNALISMO, 2014. Disponível em: <<https://ponte.org/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

PRÊMIO ESSO DE REPORTAGEM, 2011, Recife, Brasil. **Anais eletrônicos...** Recife, Brasil: ABI, 2011. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/os-vencedores-do-premio-esso-de-jornalismo/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

PRÊMIO GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ DE PERIODISMO, 2016, Cartagena de Índias, Colombia. **Anais eletrônicos...** Cartagena de Índias, Colombia: Fnpi, 2016. Disponível em: <<http://www.fnpi.org/premioggm/el-premio-2/acerca-del-premio/?lang=pt>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

QUÉRÉ, Louis. De um modelo epistemológico da comunicação a um modelo praxiológico. In: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula (Org.) **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

SILVA, Gislene. De que campo do jornalismo estamos falando? **Matrizes**, São Paulo, ano 3, n. 1, p. 197-212, ago. /dez. 2009.

SILVERSTONE, Roger. **La moral de los medios de comunicación**: sobre el nacimiento de la polis de los medios. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.

SOARES, Rosana de Lima; SILVA, Gislene. Lugares da crítica na cultura midiática. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 13, n. 37, p. 9-28, 2016. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/1140>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

VIANA, Natália. São Gabriel e seus demônios. **Agência Pública**, 2015. Disponível em: <<http://apublica.org/2015/05/sao-gabriel-e-seus-demonios/>>. Acesso em: 14 fev. 2018.